



UNICEPLAC

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – UNICEPLAC

Curso de Graduação em Enfermagem

Trabalho de Conclusão de Curso

**Percepções da Enfermagem Frente ao Processo de Morte e Morrer em
Cuidados Paliativos**

Gama – DF

2020

ANDRÉ SOUZA DE OLIVEIRA
WILLIAM DE SOUSA OLIVEIRA

**Percepções da Enfermagem Frente ao Processo de Morte e Morrer em
Cuidados Paliativos**

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Enfermagem pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

Orientadora: Professora Especialista Virgínia Rozendo Brito

Gama – DF

2020

ANDRÉ SOUZA DE OLIVEIRA
WILLIAM DE SOUSA OLIVEIRA

**Percepções da Enfermagem Frente ao Processo de Morte e Morrer em
Cuidados Paliativos**

Artigo apresentado como requisito para
conclusão do curso de Bacharelado em 2020
pelo Centro Universitário do Planalto Central
Apparecido dos Santos – Uniceplac.

Gama, 13 de novembro de 2020.

Banca Examinadora

Professora Virginia Rozendo Brito
Orientadora

Professor Atvaldo Fernandes Ribeiro Júnior
Examinador

Professora Patrícia Gomes Pereira
Examinador

PERCEPÇÕES DA ENFERMAGEM FRENTE AO PROCESSO DE MORTE E MORRER EM CUIDADOS PALIATIVOS

ANDRÉ SOUZA DE OLIVEIRA¹

WILLIAM DE SOUSA OLIVEIRA²

Resumo:

A enfermagem tem contato com a humanidade desde o nascimento até a morte, neste aspecto, tem sido desafiador a atenção aos cuidados paliativos em pacientes terminais por parte da enfermagem. Diante de toda essa temática e problemática, tem-se por objetivo saber quais são as percepções da enfermagem diante do processo morte e morrer em relação ao paciente em cuidados paliativos. O presente estudo trata – se de uma revisão bibliográfica do tipo integrativa, a amostra foi composta por 5 artigos que após a utilização após os critérios de inclusão e exclusão. Para a realização desta revisão foram utilizadas as seguintes bases de dados, PROQUEST e BVS, foi utilizado os seguintes descritores: enfermagem, percepção e cuidados paliativos. Os cuidados paliativos devem ser tratados de uma forma holística, cujo será envolvidos o paciente, equipe de enfermagem e a família. A atenção não deve ser feita a doença a ser tratada ou curada, mas sim o paciente. A equipe de enfermagem tem uma luta diária com diversas situações durante os seus dias, por querem prolongar a vida de seus pacientes, mas as vezes mesmo com todo seu valioso esforço, a morte acontece, e essa sensação de incapacidade vem com toda força.

Palavras-chave: Enfermagem. Percepções. Cuidados Paliativos.

Abstract:

Nursing has contact with humanity from birth to death, in this aspect, the attention to palliative care in terminal patients by nursing has been challenging. In view of all this thematic and problematic, the objective is to know what are the perceptions of nursing in the face of the death and dying process in relation to the patient in palliative care. The present study is a bibliographic review of the integrative type, the sample was composed of 5 articles that after use after the inclusion and exclusion criteria. To carry out this review, the following databases were used, PROQUEST and VHL, the following descriptors were used: nursing, perception and palliative care., Palliative care must be treated in a holistic way, whose patient, team of professionals will be involved. nursing and the family. Attention should not be paid to the disease to be treated or cured, but to the patient. The nursing team has a daily struggle with different situations during their days, because they want to prolong the life of their patients, but sometimes even with all their valuable effort, death happens, and this feeling of incapacity comes with all the strength.

Keywords: Nursing. Perception. Palliative care.

¹Graduando do Curso Enfermagem, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. e-mail: souza.80@gmail.com.

² Graduando do Curso Enfermagem, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. e-mail: william_neji@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Horta (1968), pode se conceituar a enfermagem como a ciência e a arte de assistir o paciente no atendimento por completo de suas necessidades básicas, com o intuito de fazer esse se tornar independente dessa assistência, por meio da educação, recuperação e promoção de sua saúde. Porém, para isso se tornar uma realidade eficiente, esse trabalho deve ser feito com toda a equipe de saúde. Dessa forma, o papel do enfermeiro se torna por completo.

A enfermagem tem contato com a humanidade desde o nascimento até a morte, nesse aspecto, tem sido desafiador a atenção aos cuidados paliativos em pacientes terminais por parte da enfermagem e equipe médica, tendo uma constante dentro do contexto hospitalar brasileiro. Toda a dinâmica de se compreender a verdadeira situação de um paciente terminal é um tanto complexa, pois, no Brasil, ainda não existe uma estrutura de cuidados paliativos que seja adequada quantitativa e qualitativamente aos requisitos existentes dos órgãos internacionais de saúde (OLIVEIRA *et al.*, 2010).

Os cuidados paliativos, em sua essência, são definidos como promoção de ações que visam dar qualidade de vida aos pacientes e familiares que enfrentam doenças que comprometem a continuidade da vida por meio da prevenção e alívio do sofrimento, esse suporte pode e deve ser fornecido durante um evento de doença crônica potencialmente fatal. Eles visam garantir uma abordagem que melhore a qualidade de vida dos pacientes e de suas famílias com problemas relacionados a doenças com risco de morte, bem como ações que melhorem o sofrimento mediante diagnóstico e tratamento precoce da dor ou de outros problemas físicos e psicológicos (CARVALHO *et al.*, 2017).

Deste modo, o trabalho justifica-se o processo morte e morrer é uma adversidade que desenvolve os sentimentos de ansiedade, angústia e medo. Esses sentimentos fazem parte do dia a dia de todos, porém ainda é considerado um grande tabu a ser enfrentado para todos (LIMA *et al.*, 2017).

Estar com pessoas que estão morrendo é parte integrante da enfermagem, mas muitos enfermeiros se sentem despreparados para acompanhar as pessoas durante o processo de morrer (KIRSTEN *et al.*, 2014). Testemunhar, ouvir e permanecer presente no sofrimento dos pacientes pode ser emocionalmente desafiador, porque expõe os enfermeiros à sua própria vulnerabilidade e finitude (KIRSTEN *et al.*, 2014).

Diante de toda essa temática e problemática, tem-se por objetivo percebe-se como o profissional enfermeiro lida com o processo morte e morrer em relação ao paciente em cuidados paliativos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Os cuidados paliativos tiveram destaque e relevância no mundo científico quando profissionais de saúde tratavam de pacientes com neoplasias em estado avançado e com metástase irreversível. Hoje os cuidados paliativos são estendidos a todos aqueles que têm algum tipo de doença que causa dor intensa, sintomas físicos, emocionais e espirituais, tornando a vida extremamente intolerável (SILVA, PEREIRA, MUSSI, 2015).

A enfermagem está sempre em constante aprendizado quanto aos princípios dos cuidados paliativos. Devido ao desenvolvimento biotecnológico, é possível prolongar artificialmente a existência de um paciente, mesmo que a medicina não possa esperar cura ou mais conforto nesse fim de vida prolongado, logo, os cuidados paliativos têm uma relevância no dia a dia no enfermeiro nos casos dos pacientes críticos (NOVAES, TRINDADE, 2009).

Diante dessa realidade – que é a extensão da vida com a ajuda da ciência e as dificuldades no controle do desenvolvimento de doenças como o câncer e as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) – torna-se fundamental melhorar sempre as condições de assistência à saúde aos pacientes (SAITO, ZOBOLI, 2015). Isso requer não apenas maior justiça e universalização dos cuidados paliativos, mas também o desenvolvimento de um tipo único de cuidado, baseado em posturas éticas que possam fortalecer a postura daqueles que trabalham nos cuidados de pacientes em fase terminal. (SAITO, ZOBOLI, 2015).

Os indivíduos doentes em situações críticas normalmente convivem com dor e sofrimento extremo. Assim, os cuidados paliativos visam cooperar com o tratamento na tentativa de melhoria na qualidade de vida de pacientes e familiares diante de doenças que ameaçam a continuidade da vida (COSTA, POLIS, SILVA, 2016). A área dos cuidados paliativos precisa reunir profissionais que tenham habilidades para ajudar o paciente e sua família a se adaptarem às mudanças de vida causadas pela doença e incentivar a reflexão necessária para lidar com a condição irreversível e a possibilidade de morte (COSTA, POLIS, SILVA, 2016).

O dever do enfermeiro de cuidar de pessoas está previsto no Código de Ética de Enfermagem, ou seja, é a "responsabilidade profissional primordial do enfermeiro" (LOPERA BETANCUR, 2014). Os enfermeiros estão comprometidos em cuidar da vida e, paralelamente, prestar assistência em relação à qualidade de vida dos pacientes que estão em um processo iminente de morte. "A morte é algo problemático na enfermagem", embora faça parte da rotina dos profissionais (LOPERA BETANCUR, 2014).

O despreparo diante da morte e o treinamento para salvar vidas são os principais responsáveis pela frustração e sofrimento dos enfermeiros em relação ao paciente no processo de morte (SANTANA *et al.*, 2013).

Para mudar essa situação, é necessário que o enfermeiro comece a desconstruir o tabu da finitude desde o início de seu treinamento, a frustração deve dar lugar a uma nova maneira de pensar e agir, para que os enfermeiros possam planejar e prestar o melhor atendimento humanizado possível ao paciente. Essa atitude fará uma grande diferença no processo, porquanto os enfermeiros são os profissionais que podem prescrever o tratamento (SANTANA *et al.*, 2013).

Devido à falta de preparação do especialista em lidar com a morte dos pacientes, o enfermeiro costuma sofrer mais quando se trata de casos em estágio final. Estudos científicos mostram que a finalidade na educação dos profissionais de enfermagem não está relacionada em como lidar com a morte, o choro e o apoio das famílias. Portanto, enfrentar a morte ainda é um tabu para muitos (OLIVEIRA *et al.*, 2010).

A morte iminente pode fazer com que esses sentimentos se transformem em raiva e frustração, já que os profissionais da área de enfermagem materializam o evento natural sob sua responsabilidade, como se pudessem ter feito mais ou evitado qualquer postura (FRANCO *et al.*, 2017).

A morte se torna um pouco desconfortável, e até lhes é permitido demonstrar comportamento defensivo. Outro aspecto relevante que deve ser considerado no estudo em questão é a dificuldade dos enfermeiros em lidar com seus sentimentos sobre a morte iminente de seus pacientes, muitas vezes o não contato verbal com o paciente pode afetar o atendimento integral (FRANCO *et al.*, 2017.; BASTOS *et al.*, 2017).

Nos estudos feitos por KIRSTEN *et al.*, (2014), as enfermeiras descreveram o sofrimento dos pacientes como um tipo de "dor total", que incluía sofrimento emocional, espiritual e existencial, além de dor física. O alívio dos sintomas físicos foi considerado um pré-requisito para os cuidados espirituais e existenciais, uma vez que dor, fadiga e náusea descontroladas drenariam os pacientes, deixando pouca energia para preocupações existenciais e espirituais. As enfermeiras experimentaram que os sofrimentos espirituais e existenciais muitas vezes estavam profundamente enraizados e enredados nos problemas físicos dos pacientes, dificultando a resolução (KIRSTEN *et al.*, 2014).

A morte é um uma realidade cabal na existência humana e sempre foi cercada com cerimonialismo e reverência por sociedade tribais e urbanas. Todavia, a forma de encarar a finitude da vida tem diferentes interpretações nas diversas culturas no mundo (SILVA,

PEREIRA, MUSSI, 2015). Diante dessa realidade, muitos pacientes precisam dos cuidados especiais da equipe de enfermagem e médica, pois, na humanização do cuidado em pacientes na iminência da morte, a abordagem dos cuidadores visa melhorar a qualidade de vida das pessoas doentes e minimizar a angústia e sofrimento de suas famílias.

O grande desafio é enfrentar a doença que ameaça a continuidade da vida por meio da prevenção e alívio dos temores e dores nos momentos de tratamento. O cuidado paliativo exige identificação precoce da doença, avaliação e tratamento da dor e cuidar dos aspectos físicos, psicossociais e espirituais do paciente (SILVA, PEREIRA, MUSSI, 2015).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma revisão da literatura do tipo integrativa, com abordagem descritiva. Para elaborar o presente estudo, definimos seis etapas a serem seguidas: identificar o problema a ser estudado e selecionar a questão norteadora; estabelecer os critérios para inclusão e exclusão de estudos; definir as informações a serem extraídas dos estudos selecionados; avaliar criticamente os estudos incluídos na revisão integrativa; interpretar os resultados; apresentar a revisão/síntese do conhecimento (POMPEO, ROSSI, GALVÃO, 2009).

Este tipo de estudo tem como objetivo analisar os resultados adquiridos nas pesquisas sobre o determinado assunto relatado no tema (MENDES, SILVEIRA, GALVAO, 2008). As bases de estudo que foram levantadas as pesquisas sobre o tema apontado, foram a PROQUEST e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), com o operador booleano and. Com isso, os seguintes descritores utilizados foram: enfermagem, cuidados paliativos e percepções.

Os critérios que utilizamos para a inclusão de artigos, são os que estiveram disponíveis na íntegra, utilizando a língua portuguesa e que estavam publicados nos últimos 5 anos, de 2015 à 2020. Os critérios de exclusão foram os artigos que não se enquadrarem no tema, que aparecem duplicados ou não originais.

RESULTADOS

Segundo Santos *et al* (2020), o profissional de enfermagem deve envolver amorosidade, atenção, carinho, sorrisos, abraços, religiosidade e apoio psicológico, não somente ao paciente, mas em si mesmo, pois preparar para o pior, é uma das fases mais terríveis, é devido a isso, o enfermeiro deve ter a percepção de se manter forte perante as adversidades do quadro clínico do paciente, muitas das vezes, pode se fraquejar e querer desistir dessa assistência, mas é quando o profissional deve recorrer a família do enfermo, para que possa dar forças ao enfermeiro e ao paciente, fazendo um trabalho por completo, envolvendo todos, para que possa dar um

alívio nos últimos dias de vida do paciente.

De acordo com Santos *et al* (2017), o profissional de enfermagem tem a percepção que falta preparo em sua formação para encarar a morte de perto, de ter métodos que façam saber o que fazer para evitar sofrimento e sentimentos de incapacidade, frustração e entre outros, que possam desencadear problemas psicológicos. Dessa forma, o enfermeiro tem que ter em mente, que ele precisa sempre se atualizar em métodos e especializações em como encarar a morte, em como vivenciar o luto e não deixar que essas perdas possam desencadear possíveis depressões, fazendo assim se afastar de sua área. Lidar com a morte ainda é considerada um tabu para muitos enfermeiros, porém o profissional paliativista deve começar a redefinir esse significado de morte.

Segundo Braz e Franco (2017), o enfermeiro precisa durante seu trabalho com processo morte e morrer um olhar crítico, pois precisa de treinamento e educação continuada para poder desenvolver boas ações, pois dessa forma ela poderá dar uma melhor assistência no processo morte e morrer. É através desses treinamentos que ele começa a trabalhar seu psicológico em teorias que vão evitar que o mesmo se fruste com perdas, que fique triste ou abalado quando conseguir atingir seus objetivos. O enfermeiro deve praticar a teoria do apego, pois ele se torna mais empático com o paciente, desenvolvendo um trabalho mais organizado e consegue uma união maior com a equipe multidisciplinar de saúde.

De acordo com Stochero *et al* (2016), para muitos profissionais de enfermagem o processo morte e morrer ainda é muito difícil de ser encarado, por atualmente ser considerado um tabu a ser encarado, por acharem que não se sentem preparados a ter a sensação de perdas, de encarar o luto e ter que trabalhar com as frustrações e tristezas de familiares. Percebem que falta muito preparado na formação, por na graduação não te ensinam a chorar, sofrer ou sentir sentimentos de uma forma que não abale seu psicológico. Pois atualmente é um trabalho desgastante a sua saúde mental. Se não for trabalhado esse psicológico com terapias, o profissional de enfermagem pode recair em depressão.

Segundo Reis e Farias (2017), o enfermeiro tem –se como percepção que através da fé em algo que acredita, consegue fazer com que o processo morte e morrer seja menos doloroso a ele, suas tensões podem ser aliviadas, e através de algo espiritual, seus cuidados podem ser guiados, afim de promovendo uma boa assistência ao paciente. É através da fé, que o enfermeiro consegue encarar a morte com outros olhos, conseguindo perceber que não é o fim, que a morte pode ser o alívio do paciente que estava sofrendo, é através da religiosidade, que o enfermeiro percebe, que tudo tem sua hora, e se o paciente vem a óbito, não foi por força de vontade de querer ajudar ou fazer um bom trabalho, mas sim que tudo tem sua hora.

Quadro 01 – artigos selecionados

2020	Santos <i>et al</i> (2020)	BVS	Vivência de enfermeiros acerca dos cuidados paliativos	Para o bom desempenho de seu trabalho, o enfermeiro trabalha em conjunto com a família do paciente, cujo ambos possam entrar em um consenso para determinar as principais ações, pois o psicológico de ambos (profissional e familiar) não saiam abalados.
2017	Santos <i>et al</i> (2017)	BVS	A percepção dos enfermeiros de um hospital geral sobre os cuidados paliativos	O enfermeiro tem a percepção que ainda falta preparo em sua formação para poder enfrentar o processo de morte e morrer de perto. O sentimento de incapacidade é o mais forte durante esse período de tratamento ao paciente.
2017	Braz e Franco (2017)	PROQUEST	Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado	O enfermeiro se sente despreparado, pois percebe que não tem um suporte atualmente que lhe possa ajudar a entender o processo morte e morrer, causando do lhe frustrações e sentimentos de incapacidade.
2016	Stochero <i>et al</i> (2016)	PROQUEST	Sentimentos e dificuldades no enfrentamento do processo de morrer e de morte por graduandos de enfermagem	O profissional de enfermagem por encarar o processo morte e morrer diariamente percebe que vai ficando mais triste durante o tempo, com a sua saúde mental abalada e percebe que também precisa tratamento psicológico.
2017	Reis e Farias (2017)	PROQUEST	O Vazio de Sentido: Suporte da Religiosidade para Pacientes com Câncer Avançado	O enfermeiro percebe que no decorrer do seu dia a dia de trabalho, a fé é uma importante aliada para poder encarar o processo morte e morrer, pois, quando ele percebe se estar frustrado, triste e abalado, é na fé em algo que ele crê, que ele consegue adquirir

				forças para continuar desempenhando um perfeito trabalho.
--	--	--	--	-----------------------------------------------------------

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sofrimento é a palavra chave dos cuidados paliativos, pois para o paciente são os resultados da sua patologia, porém para a equipe de enfermagem, é mais um desafio de transformar esse sofrimento em alívio, fazendo assim os últimos dias de vida do paciente, os melhores possíveis. A atuação do enfermeiro ultrapassa a linha do cuidado físico ao paciente, ela começa a trabalhar o espiritual, psicológico, social e emocional dele, pois o enfermeiro não estará ali pra cuidar da sua doença, mas sim para cuidar de fato do paciente.

O processo morte e morrer ainda é algo que precisa ser discutido e trabalhado, pois atualmente a morte ainda é considerada um tabu, que muitos temem, porém falta preparo na formação dos enfermeiros na graduação e ainda é uma área de atuação pouco valorizada, mas que tem suma importância para o paciente.

Lidar com perdas não é fácil, a equipe de enfermagem tem uma luta diária com essas situações durante os seus dias, porque querem prolongar a vida de seus pacientes, mas as vezes mesmo com todo seu valioso esforço, a morte acontece, e essa sensação de incapaz vem com toda força, pois independente da área, nenhum profissional de saúde gosta de lidar com a morte, algo que deve ser trabalhado fortemente nos profissionais, pois sabemos que ambos, tanto o paciente como o enfermeiro deram o seu máximo esforço para manter a vida, mas tem horas em que não está mais em nossas mãos tal fenômeno que acarreta sofrimento em todos.

Podemos entender que perdas não são fáceis de serem entendidas, pois nos apegamos com os pacientes e de certa forma sentimos o que eles estão sentindo, por entender onde dói e compreender esse sentimento de incapacidade, mas de uma coisa é certa, desistir de fazer o melhor, isso é algo que nunca existir, pois sempre a equipe de enfermagem vai lutar pra fazer o melhor possível, para o paciente, para a família e para consigo mesmo.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, R. A. et al. Vivências dos enfermeiros frente ao processo de morrer: uma metassíntese qualitativa. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 17, p. 58-64, jun. 2017.
- BENITES, A. C; Neme, C. M. B; e Santos, M. A. dos. Significados da espiritualidade para pacientes com câncer em cuidados paliativos. **Estud. psicol. (Campinas)**. 2017, vol.34, n.2, pp.269-279.
- BOMTEMPO, T. V. Diretivas antecipadas: instrumento que assegura a vontade de morrer dignamente. **Revista in: Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XV, n. 98, mar. 2012.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. Ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BRAZ, M. S; FRANCO, M.H.P. Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Jan/Mar. 2017 v. 37 n°1, 90-105. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001702016>
- BRÊTAS, J.R.S; OLIVEIRA, J.R; YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. **Revista Escola de Enfermagem**, v. 40, n. 4, 2009.
- CARVALHO, K. K. de et al. Processo educativo em cuidados paliativos e a reforma do pensamento. **Invest. educ. enferm**, Medellín , v. 35, n. 1, p. 17-25, Jan. 2017.
- COSTA, Á. P; Poles, K. e Silva, A. E. Formação em cuidados paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. **Interface (Botucatu)**. 2016, vol.20, n.59, pp.1041-1052.
- FERNANDES, M. E. F. et al., A morte em unidade de terapia intensiva: percepções do enfermeiro. **Revista RENE Fortaleza**, v.7, n° 1, p. 43-51, jan./ abr. 2006.
- FILHO, A.P. Morte: Considerações para a prática médica. **Medicina (Ribeirão Preto)**; v. 38, n. 1, 2011.
- FRANCO, H. C. P. et al. Papel da enfermagem na equipe de cuidados paliativos: a humanização no processo da morte e morrer, **Revista gestão & saúde**, 2017.
- GUETTI, N.R; MARQUES, I.R. Assistência de enfermagem ao potencial doador de órgãos em morte encefálica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 1, 2010.
- GUIMARAES, T. M. et al. Cuidado paliativo em oncologia pediátrica na formação do enfermeiro. **Rev. Gaúcha Enferm.** 2017, vol.38, n.1
- HORTA, W. de A. - Conceito de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 2 (2), set. 1968.
- KIRSTEN A. T. et al. O poder da presença consoladora - a experiência vivida pelos enfermeiros de cuidados paliativos com o cuidado espiritual e existencial para os moribundos, **BMC Nurs.** 2014. Doc: 10.1186 / 1472-6955-13-25.

KNOBEL, M; SILVA, A. L. M; O paciente terminal: vale a pena investir no tratamento? **Revista Einstein**; 2(2): 133 SP 2004.

LIMA R. et al. A morte e o processo de morrer: ainda é preciso conversar sobre isso. **Revista Mineira de Enfermagem**. 2017

LOPERA BETANCUR, M. A. Assistência de enfermagem ao paciente em processo de morrer: uma dolorosa função profissional e humana. **Investir. educ. enferm** , Medellín, v. 33, n. 2, p. 297-304, agosto de 2015.

MENDES, E. C. e Vasconcellos, L. C. F.de. Cuidados paliativos no câncer e os princípios doutrinários do SUS. **Saúde debate**. 2015, vol.39, n.106, pp.881-892.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P; GALVAO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 17, n. 4, p. 758-764, dez. 2008.

MENEZES, R. A. Profissionais de saúde e morte: emoções e formas de gestão. **Teor. soc.** , Belo Horizonte, v. 2, Edição Seleccionada, 2006.

NOVAES, M. R. C. G.; TRINDADE, E. M. A morte e o morrer: considerações bioéticas sobre a eutanásia e a finitude da vida no contexto da relação médico-paciente, 2009.

NUCCI, G. S. Código penal comentado. 14. ed. ver., atual. e ampl. Rio de Janeiro: **Forense**, 2014.

OLIVEIRA, A. C.; SÁ, L.; SILVA, M. J. P. O posicionamento do enfermeiro frente a autonomia do paciente terminal. **Revista Brasileira de Enfermagem** v. 60, nº 3 Brasília, maio/Jun 2007.

OLIVEIRA, S. G. et al. Reflexões acerca da morte: um desafio para a enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria. R.S. 2010, **Revista Brasileira de Enfermagem** D.F. p. 63 (6) 1077-80, 2010.

PAIVA, F. C. L; ALMEIDA JUNIOR, J. J; DAMASIO, A. Christine. Ética em cuidados paliativos: concepções sobre o fim da vida. **Rev. Bioét.**, Brasília , v. 22, n. 3, p. 550-560, Dec. 2014.

PESSINI, L. Distanásia: até quando investir sem agredir? **Revista bioética**. São Paulo / revistabioetica.cfm.org.br, 2009.

REIS, C. G. C., FARIAS, C. P., & Quintana, A. M. O vazio de sentido: suporte da religiosidade para pacientes com câncer avançado. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 37(1): 106-118. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000072015>

SALES, C. A. et al. Cuidado de enfermagem oncológico na ótica do cuidador familiar no contexto hospitalar. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 25, n. 5, p. 736-742, 2012.

SANTANA, J. C. B. et al. Docentes de enfermagem e terminalidade em condições

dignas. **Rev. Bioét.**, Brasília , v. 21, n. 2, p. 298-307, Aug. 2013.

SANTOS, A. M. Et al. Vivência de enfermeiros acerca dos cuidados paliativos. **Revista Fun Care Online. 2020** jan/dez; 12:479-484. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.8536>

SANTOS, B.C. et al. A percepção dos enfermeiros de um hospital geral sobre os cuidados paliativos. **Revista de enfermagem UFPE on line.**, Recife, 11(6):2288-5, jun., 2017

SANTOS, F. S. Cuidados Paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer. São Paulo. Ed **Atheneu**, 2009.

SANDOVAL, S. Á. et al. Morte e morrer no hospital: um olhar social, espiritual e ético dos estudantes. **Esc. Anna Nery** , Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, e20190287, 2020.

SAITO, D.Y. T. e Zoboli, E. L. C. P. Cuidados paliativos e a atenção primária à saúde: scopingreview. **Rev. Bioét.** 2015, vol.23, n.3, pp.593-607. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422015000300593.

SCHIAVON, A. B. et al. Profissional da saúde frente a situação de ter um familiar em cuidados paliativos por câncer. **Rev. Gaúcha Enferm.** 2016, vol.37, n.1

SILVA, R. S.; PEREIRA, Á.; MUSSI, F. C. Conforto para uma boa morte: perspectiva da equipe de enfermagem em terapia intensiva. **Esc. Anna Nery** , Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 40-46, março de 2015.

SILVA, K.S. da; KRUSE, M.H. L.; Em defesa da sociedade: a invenção dos cuidados paliativos e a produção de subjetividades. **Rev. esc. enferm.** USP vol.46 nº. 2 São Paulo Abr. 2012.

SOUZA, A. T. O. et al. Cuidados paliativos aos pacientes terminais: percepção da equipe de enfermagem. **Centro Universitário São Camilo** - 3(1):77-86, 2009.

STOCHERO, H.M. et al. Sentimentos e dificuldades no enfrentamento do processo de morrer e morte por graduandos de enfermagem. **Aquichan.** 2016; 16(2): 219-229. DOI: 10.5294/aqui.2016.16.2.9